

A PERMACULTURA COMO FERRAMENTA ECOPEDAGÓGICA EM CENTROS DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES À SAÚDE (CPICS) DE JOÃO PESSOA, PARAÍBA

Bianca Rufino (*), Cristina Crispim.

* Universidade Federal da Paraíba, bianca_ruffino@hotmail.com.

RESUMO

Surgem, no panorama científico, dia após dia, novas ferramentas de conscientização ambiental e de (re)integração do homem com a natureza. Esses instrumentos vêm de toda parte, da ecologia, biologia, turismo, geografia, arquitetura, e outras áreas e vertentes que se unem para desenvolver projetos alternativos globais. Dentro dessa nova perspectiva, temos a permacultura, um instrumento que busca transformar a visão do homem a fim de torná-lo autossuficiente, de forma que ele viva em equilíbrio com a natureza, por meio do uso de soluções ecológicas, eficientes e menos impactantes de moradia, energia, saneamento, tratamento da água e outras. A ecopedagogia também é um projeto alternativo global, que visa promover a educação a partir do cotidiano, de vivências informais que realmente tenham sentido para quem aprende, de modo que haja modificações nas abordagens curriculares. Foi desenvolvida como um ato político e de cidadania voltado para a transformação social e de responsabilidade com o mundo que habita. Sendo assim, essa pesquisa se detalhou no estudo de Centros de Práticas Integrativas e Complementares à Saúde (CPICS) de João Pessoa, para compreender como acontece a permacultura nesses espaços, analisando se o uso dessa ferramenta propicia a consciência ambiental e é um instrumento ecopedagógico de promoção da aprendizagem a partir de vivências informais de contato com a terra. A investigação foi realizada a partir de revisão bibliográfica, e pesquisa de campo com entrevistas qualitativas não-estruturadas com os responsáveis pela permacultura nos centros. Como resultado, foi possível comprovar que as vivências são informais com uso de temáticas transversais que realmente fazem sentido para quem aprende, houve transformações nas atitudes diárias e melhorias na saúde dos usuários dos centros.

PALAVRAS-CHAVE: Permacultura; Ecopedagogia; CPICS; João Pessoa.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, as abordagens de investigações científicas davam-se pelo racionalismo científico, período de dissociação do paradigma escolástico que conciliava a fé e a razão. A partir dessa transformação das teorias científicas, emergiu o paradigma positivista de René Descartes (1596-1650) e Isaac Newton (1642-1727). Discutia-se a ciência sob uma metodologia cartesiana, caracterizada pelo dualismo e racionalidade, que atribui valores distintos a matéria e o espírito, corpo e alma, ciência e filosofia (BAUER, 2009). A concepção do universo era que ele comportava-se por meio de leis imutáveis, verdades absolutas, teoria sistemática. Porém alguns cientistas duvidavam dessas teorias simplistas e acabadas, pois acreditavam que eram insuficientes para explicar as inter-relações entre os seres existentes na Terra e não condiziam com a realidade. Surgiam discursos complexos, não antropocêntricos, como o paradigma da complexidade de Edgar Morin (1991), a teoria de Gaia de James Lovelock (2001), a visão holística e ecológica de Fritjof Capra (1995), a ecologia integral de Leonardo Boff (1996), e outros que marcaram esse cenário de transformações científicas.

A permacultura surgiu na década de 70 por Bill Mollison (1994) e David Holmgren (2013), e a ecopedagogia na década de 90 por Francisco Gutiérrez (2013), embora em épocas e momentos distintos, ambos possuem caminhos teóricos e propostas similares, pois acreditam na necessidade de projetos alternativos globais para reordenar a relação humana com o seu meio. A permacultura sugere alternativas ecológicas para construção de sociedades autossustentáveis, já a ecopedagogia sugere a promoção da aprendizagem a partir da informalidade do cotidiano. Um dialoga com a prática e outro com a teoria, e é a partir dessa união que vem se desenvolvendo trabalhos em diversos institutos no Brasil e no mundo. Muito embora esses temas na prática sejam bem executados, as discussões científicas ainda são em pequena escala e necessitam de maiores aprofundamentos. Assim, essa pesquisa também objetiva, de forma clara e estruturante, ampliar a relação

possível entre a permacultura e a ecopedagogia, bem como estimular a familiarização com esses termos sugerindo o debate multidisciplinar.

Os Centros de Práticas Integrativas e Complementares à Saúde (CPICS) de João Pessoa são ferramentas públicas resultantes das Políticas Nacionais de Práticas Integrativas e Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos adotadas pelo Ministério da Saúde desde 2006, e da Lei Municipal 1.655 de 28 de Janeiro de 2008 que efetivou essa conquista federal a nível municipal. Nesses espaços de saúde, desenvolvem-se trabalhos voltados para práticas e tratamentos holísticos de saúde preventiva, como a homeopatia, terapia de florais, reiki, cromoterapia, biodança e outros. Uma dessas práticas é a permacultura, desenvolvida como grupo de estudo, e ensinada a partir de práticas de contato, cuidado e manejo da terra; oficinas ecológicas; momentos de sensibilização e harmonização; cuidado com as pessoas e com os recursos naturais a partir da observação constante do ambiente; entre outras técnicas particulares de cada centro. A ecopedagogia não é abordada diretamente nos discursos dos responsáveis pela permacultura, porém o modo de execução dos grupos de estudo são bastante próximos dessa prática pedagógica.

Sendo assim, esse trabalho trará abordagens conceituais e históricas da permacultura e da ecopedagogia, bem como as práticas ecológicas desenvolvidas nos centros, de forma a apresentar as ferramentas utilizadas nos grupos de estudo como práticas ecopedagógicas positivas e que já geraram bons efeitos na vida dos usuários.

Permacultura e ecopedagogia: dois projetos, um mesmo caminho

A permacultura, criada pelos biólogos Bill Mollison e David Holmgren, nasceu diante de uma insatisfação ante a produção agrícola com pesticidas e contra o consumo capitalista. Eles resolveram criar um sistema prático de manejo dos recursos naturais, que fosse eficiente e autossustentável. Com soluções ecológicas alternativas a todas as áreas de necessidades humanas básicas, como: saúde, educação, moradia, saneamento básico, tratamento da água, agricultura e segurança alimentar. De forma que o uso dos recursos seja feito de maneira eficiente com o máximo de uso no mínimo de espaço, e que a energia naturalmente em fluxo (sol, vento, água) seja captada, armazenada e reutilizada. (MOLLISON, 1994).

Nesse novo sistema, abraçam-se conhecimentos tradicionais utilizados por comunidades distintas no globo, que conseguiam viver harmonicamente com o meio ambiente a partir do trabalho de subsistência, autossuficiência e cooperativismo. Somado ao conhecimento moderno, tecnológico e científico para embasar teoricamente algumas metodologias. (MOLLISON, 1994).

Um dos princípios fundamentais desenvolvidos por Bill Mollison é a construção de um *design* a partir dos padrões que se encontram na natureza, como criar hortas em formatos de mandalas, casas em formatos de cavernas, e pensando nisso, desenvolveram a pétala de atuação da permacultura (Figura 1), como pode ser visto abaixo:



Figura 1: Flor da permacultura. Fonte: <http://www.ipoema.org.br/ipoema/portfolios/pdc/>.



Atualmente, a permacultura vem sendo largamente utilizada no mundo, no Brasil existem grandes institutos e coletivos, como o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC) e o Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente (IPOEMA) que se dedicam na construção de tecnologias sustentáveis com voluntariado e com a ecopedagogia. A exemplo de coletivo em João Pessoa, tem-se o *PermaneSer*, criado pelos colaboradores do CPICS Equilíbrio do Ser, e o coletivo GAIA.

Já a ecopedagogia, inicialmente, chamada de “Pedagogia do desenvolvimento sustentável” surgiu no auge das discursões sobre Educação Ambiental no Fórum Global 92 no Rio de Janeiro, foi desenvolvida por Francisco Gutiérrez, juntamente com contribuições de Cruz Prado, Paulo Freire e Moacir Gadotti. Com o propósito de promover a aprendizagem a partir do cotidiano, de vivências informais que trabalhem e desenvolvam aspectos não adotados na educação convencional: a emoção, o sentimento, o cotidiano e a informalidade (GUTIÉRREZ; PRAZO, 2013; GADOTTI, 2000).

É uma pedagogia que busca, fundamentalmente, levar em consideração no ato da aprendizagem, conhecimentos cotidianos que façam sentido para quem aprende, que sejam significativos, que ajude o indivíduo a indagar o mundo e a se indagar, que usem temas transversais como a ética, saúde, sexualidade, meio ambiente, diversidade cultural, consumo e outros. Como bem coloca Gadotti (2000, p. 42) “que conteúdos escolares são realmente sustentáveis, isto é, significativos para nossas vidas? O que tem a ver nossa educação com nosso projeto de vida?”. Para tanto, é necessário reorientar os currículos, *o que é e como é* abordado os assuntos em sala, a partir da participação e da aproximação do conhecimento a realidade do indivíduo, e o professor do aluno:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção [...] É preciso que, pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado [...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1997, p. 25 *apud* GADOTTI, 2000, p. 45).

Outra grande característica dessa pedagogia é que ela enxerga o planeta Terra como um organismo vivo, e que devemos nos pautar no cuidado com ela a partir da *cidadania planetária*, pois “salvá-la significa salvar-nos a nós mesmos (GADOTTI, 2013, p. 19). Portanto, temos responsabilidades e deveres para com a manutenção e equilíbrio dessa casa Maior para que os seres vivos residam com qualidade de vida. Nesse sentido,

[...] Qualidade de vida faz referência à satisfação do conjunto das necessidades humanas: saúde, moradia, alimentação, trabalho, educação, cultura, lazer. Qualidade de vida significa ter a possibilidade de decidir autonomamente sobre seu próprio destino (GADOTTI, 2000, p. 62).

Essa afirmação de Gadotti, muito se assemelha com os propósitos da permacultura, e ainda é interessante observar que ambos os projetos surgem como alternativas globais que buscam transformar a sociedade por um todo, desde a economia voltada para a solidariedade até a educação para a informalidade e cotidianidade. Há espaços de permacultura que desenvolvem práticas ecopedagógicas, no IPEC é desenvolvido o projeto ‘Um Vale Verde de Verdade’ com turismo rural; no IPOEMA trabalham também com turismo ecopedagógico a partir da visitação de suas tecnologias ambientais e realização de oficinas; a Fundação Gaia dar cursos sobre ecopedagogia e permacultura juntos; a Sete ecos (Sistema de Expansão em Tecnologias Ecológicas e Sociais) faz roteiros ecopedagógicos em suas práticas permaculturais com os visitantes; e ainda tem o Aruana Instituto de Eco Formação, que trabalha com a formação continuada de professores e realiza vivências com adultos e crianças a partir dos princípios da ecopedagogia. Em João Pessoa, temos os CPICS, que desenvolvem práticas permaculturais de forma ecopedagógica a partir da elaboração de oficinas e atividades de interação com a natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inserção dos Centros de Práticas Integrativas e Complementares à Saúde (CPICS) em João Pessoa

Já vem de algum tempo a luta da classe dos profissionais da saúde em busca de inserir no Sistema Único de Saúde (SUS) tratamentos de doenças voltados para uma cura preventiva e menos agressiva pelo uso de terapias alternativas.

Essas lutas desencadeadas em congressos e reuniões nacionais levaram a discussão a nível federal. E muito embora sejam recentes, as políticas públicas brasileiras nesse sentido se efetivaram em curto espaço de tempo, e culminaram na construção de diversas unidades de saúde, e de usuários que buscam esses tratamentos alternativos.

Em 2006, o Ministério da Saúde aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Em João Pessoa, após reivindicações do Sindicato dos Terapeutas da Paraíba (SINTE – PB), em 28 de Janeiro de 2008, aprovou-se a Lei Municipal 1.655, a qual normatiza as terapias naturais para atendimento à população possibilitando a inclusão em todo o Sistema Único de Saúde (SUS).

Essa política municipal levou ao surgimento do Núcleo de Formação em Práticas Integrativas e Complementares à Saúde (NUPICS) em 2011, a criação do primeiro CPICS Canto da Harmonia em 14 de maio de 2012, e após três meses, o CPICS Equilíbrio do Ser.

Centro de Práticas Integrativas e Complementares à Saúde Canto da Harmonia

O CPICS Canto a Harmonia está localizado no bairro do Valentina Figueiredo, zona sul de João Pessoa. São desenvolvidas terapias individuais, coletivas, grupos de estudo, oficinas e palestras educativas com programações semanais. As terapias coletivas oferecidas são: yoga, resgate auto-estima, trocas de saberes, tai chi chuan, biodança, biorrespiração, alimentação saudável, constelação familiar, oficinas terapêuticas. Já as práticas individuais são: acupuntura, aurícula acupuntura, moxa, ventosas, massoterapia, terapia quântica, homeopatia, reiki, floral, reflexologia podal, terapia ayurvedica e experiência somática. O grupo de estudo em permacultura existe desde a criação do centro, e acontece as segundas-feiras e sextas-feiras pela tarde, porém após pesquisa recente no local foi possível verificar que no período do inverno as atividades permaculturais foram interrompidas para voltarem na primavera desse ano. As técnicas ecológicas existentes são horta em formato de mandala com plantas medicinais e práticas terapêuticas, com a pretensão de construir minhocário, composteira, uma fonte de água e novas hortas. De acordo com a responsável, o grupo já conta com diversos participantes e a permacultura já gerou efeitos positivos na saúde, e na consciência ambiental dos usuários envolvidos.



Figura 1: Horta em formato de mandala do CPICS Canto da Harmonia. Fonte: Autores do Trabalho.

Centro de Práticas Integrativas e Complementares à Saúde Equilíbrio do Ser

O CPICS Equilíbrio do Ser está localizado no bairro dos Bancários, também zona sul de João Pessoa. As terapias individuais que existem são: a) acupuntura; b) massoterapia; c) massagem ayurvédica; d) reiki; e) arteterapia; f) reflexologia; g) gestalt; h) quiropraxia; e j) florais. Já as práticas coletivas são: a) yoga; b) biodança; c) danças circulares; d) meditação; e) arteterapia grupal; f) automassagem; g) consciência corporal. E, as terapias coletivas, são os grupos de estudo em aromoterapia, alimentação saudável, permacultura e outros que surgem com o decorrer da demanda dos usuários.

A permacultura também foi abraçada pelos gestores do centro desde o princípio, inclusive a área que ia transformar-se no estacionamento, foi relocada no projeto original para a prática. As práticas ecológicas que eles utilizam são: horta em formato de mandala (Figura 3) e horta em formato de espiral (Figura 4), lago terapêutico (Figura 5), viveiro (Figura 6), canteiros produtivos (Figura 7); realizam também oficinas de compostagem (Figura 8), e módulos rápidos de introdução a permacultura.

Em se tratando dos resultados alcançados pelos grupos de estudo em permacultura, para os permacultores do centro, os efeitos positivos são visíveis, tanto nos visitantes que vão por curiosidade, quanto nos usuários: ambos transformaram suas posturas em relação ao meio ambiente, e obtiveram melhorias na saúde física e espiritual.



Figura 3: Horta em formato de mandala do CPICS Equilíbrio do Ser. Fonte: Autores do Trabalho.



Figura 4: Horta em formato de espiral do CPICS Equilíbrio do Ser. Fonte: Autores do Trabalho.



Figura 5: Lago terapêutico do CPICS Equilíbrio do Ser. Fonte: Autores do Trabalho.



Figura 6: Viveiro do CPICS Equilíbrio do Ser. Fonte: Autores do Trabalho.



Figura 7: Canteiros produtivos do CPICS Equilíbrio do Ser. Fonte: Autores do Trabalho.



Figura 8: Oficina de composteira doméstica no CPICS Equilíbrio do Ser. Fonte: Autores do trabalho.

Análise dos dados e discussões

A partir das entrevistas realizadas com os responsáveis pela permacultura nos centros, foi possível perceber que todos os projetos permaculturais foram desenvolvidos essencialmente com base na observação e vivência com o terreno. A observação é um dos princípios da permacultura que Bill Mollison mais destaca, pela sua aproximação com a necessidade real do local e porque a paisagem transforma-se constantemente e é preciso entendê-la para fazer um *design* permacultural eficiente. Além desses princípios da permacultura, outros também foram bem utilizados, como: *localização relativa, elementos que executam mais de uma função, planejamento eficiente do uso da energia, reciclagem de energias, policultura e diversidade de espécies, e utilização de bordas e padrões naturais para um melhor efeito.*

É interessante essa perspectiva, pois, foi possível notar que todos os responsáveis sabem que cada ambiente tem sua característica, e não há um molde perfeito, é com base na interação e na utilização dos sentidos, tocando, cheirando, olhando, degustando, sentindo, que as pessoas se tornam conscientes do seu redor. Como cita Morrow (2010, p. 88): “frequentemente pessoas que vivem há anos em um local são surpreendidas e dizem “eu nem imaginava que essa árvore estava ali” ou que “o solo é tão bom ou tão seco””. A partir da observação também se consegue identificar o clima, a vegetação, o tipo de solo, a rota do vento, a posição do sol, e todos os elementos naturais. Portanto, elas serão a base do *design*, uma boa avaliação define quais os problemas e as vantagens, assim como as potencialidades e os aspectos a serem melhorados. Isso se torna ainda mais importante, quando visto que os usuários são ensinados com esses conhecimentos e sabedorias, é a partir dessa vivência informal e cotidiana, e observação do terreno que são desenvolvidos os trabalhos nos centros, isso é, a ecopedagogia mesmo que não seja trabalhada diretamente, pois se trata de grupos de permacultura, ela é abordada na prática.

Ao relacionar os elementos da ecopedagogia com os ambientes permaculturais, é visível a semelhança de propostas e atitudes. No CPICS Equilíbrio do Ser, antes e depois da aula de permacultura, os facilitadores fazem uma harmonização em círculo, onde todos os usuários se dão as mãos, para que se integrem entre si e com o meio ambiente. É um momento de agradecer às forças divinas pela oportunidade, meditar sobre nossas ações, entre outras reflexões que são realizadas, variando de acordo com o dia. Em algumas delas os facilitadores silenciam e estimulam os usuários a sentir a brisa do vento, o cheiro das plantas, a luz do sol, e outros. As harmonizações ocorrem quando se planta alguma semente, como também nas técnicas permaculturais desenvolvidas nas aulas, para transmitir as energias das pessoas no crescimento da planta e nas práticas.

Pelas experiências que vivenciei nas harmonizações, senti-me muito bem acolhida por todos, e em conexão profunda com a natureza. Lembro-me de uma ocasião em especial, em que um dos facilitadores, fez uma reflexão a respeito do lixo que nos rodeia internamente, as ervas daninhas que se enraízam em nossos corações como o rancor, raiva, tristeza, ansiedade, e como podemos arrancá-la para que o jardim floresça. Achei interessante como foi abordado e logo ao começar as atividades, ao retirar as ervas daninhas das plantações, senti-me também arrancando e jogando na terra todas aquelas que estavam dentro de mim. A permacultura lá é um tempo vivencial de contato com os elementos naturais que esquecemos no dia-a-dia, com o carinho humano e com nossa ecologia interna.

CONCLUSÃO

A partir de observações e participação no grupo de permacultura de um dos locais, juntamente com as entrevistas qualitativas com responsáveis do centro, foi possível elucidar que a forma como os grupos de estudo em permacultura desenvolvem a prática gera conscientização, aproximação do usuário com a natureza e melhorias na qualidade de vida dos usuários. Ainda, foi possível concluir que o conhecimento adquirido pelos usuários de forma informal, participativa e espontânea caracteriza-se como prática ecopedagógica positiva.

Para chegar ao alicerce teórico dessa pesquisa, utilizaram-se bases conceituais resultantes das novas percepções de mundo e paradigmas da sociedade. Na educação, a ecopedagogia como uma vertente que enxerga a vida cotidiana como os verdadeiros lugares de sentido, bem como a importância de respeitar tudo que existe na Terra. Nesta mesma perspectiva tem a permacultura, do campo das ciências agrárias, com intento de pensar soluções práticas para a vida humana de forma mais harmoniosa com os recursos naturais. Esses eixos se assemelham em muitos aspectos e, nesse trabalho, provam teoricamente que é possível estabelecer



uma relação entre eles: fazer um projeto que trabalhe a partir do cotidiano e de vivências informais com permacultura, para produzir conhecimento e aprendizagem para quem pratica.

Por ser um tema com informações limitadas e experiências recentes, não há, até o dado momento, resultados empíricos concretos que comprovam a viabilidade total dos debates e correlações propostas. Há apenas investigações que apresentam a possibilidade da união entre permacultura e a ecopedagogia junto a institutos no Brasil e no mundo.

Assim, objetivou-se aqui, apresentar os Centros de Práticas Integrativas e Complementares à Saúde de João Pessoa que desenvolvem práticas permaculturais com metodologias ecopedagógicas, para mostrar a importância dessas ferramentas na construção da consciência ambiental dos usuários, transformação de atitudes e da relação do homem com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAUER, R. Gestão da mudança: caos e complexidade nas organizações. São Paulo: Atlas, 2009.
2. CAPRA, F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos seres vivos. 11 ed. SP: Cultrix, 1996.
3. GADOTTI, M. Pedagogia da Terra. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2013.
4. GUTTIÉRREZ, F.; CRUZ, P. Ecopedagogia e Cidadania Planetária. São Paulo: Cortez, 2000.
5. HOLMGREN, D. Permacultura: Princípios e caminhos além da sustentabilidade. 1. ed. Porto Alegre: Via Sapiens. 2013.
6. LOVELOCK, J. A Vingança de Gaia. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2001.
7. MOLLISON, B; SLAY, R. Introdução à Permacultura. 2. ed. Brasília: Fundação Daniel Efraim Dazcal, 1994.
8. MORIN, E. Introdução ao Pensamento complexo. Paris: ESF, 1991.
9. MORROW, R. Permacultura Passo a Passo. Brasília: Editora Ecocentro, 1999.